

RESUMO

Prof.^a Dr.^a Raquel Quinet Pifano
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Desenho e Idéia na Tradadística Lusitana de Pintura

A literatura artística portuguesa do século XVI ao XVIII é ainda hoje pouco considerada pelos estudiosos da arte brasileira do período colonial. Embora se reconheça o mérito da obra de Francisco de Holanda, tal reconhecimento deve-se mais à sua importância no contexto artístico italiano do que à possibilidade de nos informar sobre particularidades ibéricas significativas. Lembremos que Francisco de Holanda viveu em Roma de 1538 a 1547 e seu principal tratado, *Da Pintura Antiga* (1548), reflete concepções estéticas vigentes em Roma. Ademais, permaneceu manuscrito e seu alcance entre os pintores portugueses ainda não é muito conhecido, sabemos que foi traduzido para o castelhano em 1563 pelo pintor e amigo Manuel Denis, permanecendo mais uma vez manuscrito. De menor fôlego, temos o tratado de Philippe Nunes *Arte da Pintura. Symmetria, e Perspectiva*. O interesse neste texto justifica-se por ter sido o único publicado de fato, em 1615 e, muito significativo, reeditado em 1767. Se por um lado, a obra de Nunes corre certo risco de frustrar o historiador da arte por não ter a envergadura intelectual da de Holanda, por outro, se mostra reveladora das concepções estéticas em vigor em Portugal. Compondo o rol da acanhada tradadística portuguesa, temos o pintor Félix da Costa, autor do tratado *Antiguidade da Arte da Pintura* de 1696 – também esta obra permaneceu manuscrita. É justo concordar que a obra de Holanda não seja expressão genuína de idéias estéticas lusitanas e guarde muitas diferenças em relação aos demais tradadistas, talvez por sua maior filiação aos ideais humanistas, entretanto um ponto em comum une suas concepções estéticas: o princípio de que a substância da pintura é o desenho. Considerando, no plano teórico, o vigor da doutrina tridentina do desenho em Portugal, entendido como resultado exterior do desenho interno ou conceito, e na prática, a importância do desenho percebida tanto em algumas soluções formais da pintura, quanto na existência de Aulas de Desenho na Metrópole (lembremos dos projetos de André Gonçalves e de Ataíde para a criação de Aula de Desenho em Portugal e em Minas respectivamente), proponho então refletir sobre o conceito e estatuto do desenho nas obras destes três autores. Tal propósito não visa identificar forçosamente características estéticas lusitanas, mas sim melhor entender aquele ambiente artístico, suas premissas e seus resultados formais.